

RONDÔNIA E HOMOSSEXUALIDADE: Uma história marcada por crimes homofóbicos

RONDÔNIA AND HOMOSEXUALITY: A history marked by homophobic crimes

Kary Jean Falcão¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar um breve relato histórico da homossexualidade em Rondônia e descrever alguns crimes homofóbicos que marcaram o Estado. Os dados apresentados foram resultados de entrevistas com travestis e homossexuais com idade entre 50 e 60 anos e seus nomes foram mantidos em sigilo para preservar a identidade dos mesmos. As informações foram coletadas em jornais antigos disponíveis em Bibliotecas Públicas de Porto Velho – RO. Os dados referentes a alguns locais citados no texto, podem não condizer com precisão com a localização atual. Isso pode ter ocorrido devido à idade avançada dos homossexuais e travestis entrevistados ou até mesmo como estratégia de defesa a possíveis retaliações.

Palavras-chave: Homossexualidade. Rondônia. Crimes homofóbicos.

ABSTRACT

This article aims to present a brief historical account of homosexuality in Rondônia and to describe some homophobic crimes that marked the State. The data presented were the results of interviews with transvestites and homosexuals aged between 50 and 60 years and their names were kept confidential to preserve their identity. The information was collected in old newspapers available in Public Libraries of Porto Velho - RO. Data for some locations quoted in the text may not match the current location accurately. This may have occurred because of the advanced age of homosexuals and transvestites interviewed or even as a defense strategy to possible retaliation.

¹ Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestre em Ciência da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Professor da Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia – FATEC/RO. Técnico da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC. E-mail: karyfalcao@yahoo.com.br

Key-words: homosexuality. Rondônia. homophobic crimes.

INTRODUÇÃO

Rondônia é um estado novo e cheio de perspectivas políticas e econômicas. Entretanto, falar de sua história e mais especificamente as marcas trazidas pelo preconceito e discriminação pelas populações LGBTT não o diferencia das grandes capitais e suas histórias de homofobia.

Esse artigo tem como finalidade abordar sobre a história da homossexualidade em Rondônia e as marcas da homofobia retratada a partir de crimes e assassinatos envolvendo populações LGBTT, os descasos do poder público na resolução dos casos e a inexistência de políticas públicas de penalização a prática da homofobia de fato como um crime.

No método da pesquisa foi adotado a princípio um estudo bibliográfico com os autores Hugo (2004) e Silva (2001) bem como uma pesquisa em jornais antigos do acervo das Bibliotecas Francisco Meireles e no documental localizado no antigo prédio da administração da Ferrovia Madeira Mamoré na Avenida 7 de Setembro. A pesquisa nos jornais antigos aconteceu entre o período de 2009 e 2010 e parte foi utilizada como fonte de dados em uma Dissertação de Mestrado em Ciência da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, campus de Guajará-Mirim em 2010.

No processo de coleta de informações, foram realizados entrevistas individuais e um encontro grupal com os participantes da pesquisa que consistia de 04 (quatro) homossexuais e travestis que conviveram na década de 80 com os fatos relatados na pesquisa. Importante ressaltar, que os participantes da pesquisa no ato das entrevistas já encontravam-se com idades avançadas (entre 50 e 60 anos em 2010) que por considerações éticas e em decorrência de algumas situações acordadas entre as partes optamos por não revelar seus nomes. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas. Infelizmente duas das participantes já não se encontram mais em nosso meio.

Ao falar da homossexualidade em Rondônia, os entrevistados tentaram resgatar alguns lugares onde frequentavam e conviviam como clubes e casas de

festas, inclusive muita coisa deixou de ser publicada em virtude de locais ainda existirem hoje ou os participantes entrevistados não lembrarem dos locais com precisão. Já os crimes homofóbicos que marcaram o Estado de Rondônia citados nessa pesquisa foram retirados dos jornais impressos Alto Madeira (1991), Diário da Amazônia (2001), O Guaporé (1991), O Estadão (2001) e dos relatos do encontro grupal com os homossexuais e travestis participantes.

1 HOMOSSEXUALIDADE EM RONDÔNIA

Em se tratando da homossexualidade em Rondônia, Hugo (2004) e Silva (2001) autores de muitas obras sobre a história de Rondonia, em seus registros relata, a possível chegada do primeiro homossexual neste Estado. O vulgo “Pintassilgo”, como era chamado Hilário Silveira, viera no navio Satélite, do Rio de Janeiro, juntamente com 44 prostitutas.

Pintassilgo era barbeiro, chegou do Rio de Janeiro em 03/02/1911, após 41 dias de viagem no porão do navio. De acordo com informações obtidas com a família do autor das obras, Pintassilgo poderia ter sido um pseudônimo.

Foram barbaramente tratados, com atrocidades, pelo Tenente Melo, que segundo Hugo (2004, p. 64)), fora “escolhido a dedo por ser bruto, surdo e mudo”. Embora Pintassilgo não tivesse nada a ver com a “revolta da chibata” que trouxe para a Vila de Santo Antonio cerca de 50 ex-marinheiros que foram deportados do Rio de Janeiro, para o autor talvez “[...] ele tenha acabado por virar detrito humano atirado e lançado no alto dos barrancos do Rio Madeira. Porém, o seu unico crime, se é que podemos chamar assim era a vadiagem e a prática da homossexualidade” (HUGO, 2004, p. 68).

Não se sabe ao certo que Pintassilgo realmente existiu ou não. O que sabemos de fato é que a expressão “primeiro homossexual a chegar” caracteriza ironicamente a homossexualidade como algo que “chega”. Em conversa com a esposa do escritor Amizael Gomes da Silva, que relembra com carinho de ver o escritor criando seus personagens e histórias. Em entrevista, lembrou de um pequeno sítio onde costumavam ir colher frutas aos finais de semana, localizado cerca de oito quilômetros de distância da cidade. Diz que nessa localidade residia uma senhora, bela mulata, carioca e que tinha como amigo e companheiro um rapaz

homossexual, negro, muito alto e forte, que segundo as pessoas da casa, fora castrado quando chegou nessas terras. Ele tinha o ofício de trabalhar para as “moças” prestando serviços de cabeleireiro. Segundo a professora, ambos vieram do Rio de Janeiro, e essas visitas resultou para o escritor Amizael Gomes da Silva subsídios para muitas obras entre elas “Da chibata ao inferno”, pela EDUFRO, 2001.

O moço era cuidadoso com os deveres da casa e cuidava muito bem das moças. Ele diferenciava-se muito do seu grande porte por ter uma voz muito fina e delicada. De acordo com a entrevistada, não ficou muito esclarecido se esse moço, que segundo ela, já tinha uma idade bem avançada, era o próprio Pintassilgo ou não. Quando questionada, ela relata que o Prof. Amizael costumava enriquecer suas obras com personagens que ela não sabia se eram reais ou do imaginário do brilhante autor².

Pintassilgo, representa hoje aquilo que há de mais desumano em nossa sociedade que é o desprezo e o abandono da família em relação as diferentes formas de orientação sexual. A família é a principal instituição para proteger e resguardar seus membros de práticas preconceituosas e excludentes. A construção da identidade homoafetiva fica comprometida quando a família exclui. Partindo dessa exclusão, todas as portas são fechadas nas demais instancias. Instituições que foram criadas para acolher, na realidade são as reprodutodas da exclusão social entre elas destacam se a igreja, a escola, o trabalho e a sociedade em geral.

No final da década de 70, Rondônia era conhecido como a nova estrela no azul da união. Um grupo de moças alunas do Colégio Maria Auxiliadora anunciava cantando na escadaria do Palácio Getulio Vargas a chegada de mais um novo Estado. Todos cogitavam a idéia de Rondônia ser “elevado a categoria de Estado”. Durante muito tempo, o Estado sobreviveu da garimpagem do ouro nos rios do estado e da cassiterita, considerada o ouro preto. Pessoas do Brasil inteiro vinham para Rondônia em busca de riquezas, denominando essa região de um novo eldorado.

Os garimpeiros do eldorado brasileiro movimentavam a economia com o ouro embora era desconhecido o destino dos lucros obtidos pelo garimpo. Esse movimento tinha uma via de mão muito perigosa. A busca pelo ouro promovia

² A prática de enriquecer os seus personagens com fatos do imaginário foi uma característica literária do professor, escritor e político Amizael Gomes da Silva. Fato mais impressionante é a caracterização amazônica que ele proporciona a estes personagens. Isso fica muito presente na obra *Amazônia Sarará* (1989).

empregos temporários e com altos riscos de insalubridade e risco de morte. Entre o final da década de 70 e nos anos 80 cresce o número de casas de prostituição em Rondônia e possivelmente os lucros com o garimpo acabavam por bancar as festas, regadas de muita bebida e as relações com as prostitutas. Segundo alguns homossexuais entrevistados, nesse período surgiram muitos casos de assassinatos de travestis pelos garimpeiros quando descobriam que as “moças” eram na realidade eram homens. Muitos desses assassinatos ficaram incobertos pela justiça.

Próximo ao Alto do Bode³, localizado aproximadamente entre o bairro Areal e o início do Triângulo, um dos entrevistados relatou sobre a existencia de um prostíbulo onde a proprietária era conhecida como uma mulher “lesbica”. Segundo ele, na época falava-se “mulher que faz sabão”. Disse que na época algumas moças sentiam-se amedrontadas e chegavam a atravessar a rua para não passar na frente do prostíbulo e ser assediada por esta senhora.

De fato que o ouro foi moeda para tudo nesse Estado. Porto Velho tinha uma vida noturna dividida entre os clubes sociais para a alta sociedade, o Bancrévea, com os seus bailes de debutantes na década de 70, o Clube dos Categas e o Danúbio Azul Bailante Clube, mais popular. A outra parte da cidade freqüentava os bares e boates na proximidade do Trevo do Roque conhecido como um local de prostituição. Havia no local algumas boates como o Copacabana, na própria Jorge Teixeira; a Boate Eldorado, a Boate Brasil e a Boate Araribóia, próximo a Avenida Nações Unidas.

Durante o período do ouro, muitos homossexuais iam para o garimpo trabalhar como cozinheiro para os garimpeiros. A sociedade discriminava muito e arranjar emprego era muito difícil. No garimpo todo o trabalho era pago com ouro.

Bem mais tarde, já na década de 80 apareceram os primeiros bares e casas gays. As boates e casas de festas direcionadas para o público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - LGBT eram limitadas. Existia uma casa de festa aproximadamente ao Bairro da Balsa conhecida como “Shoc-

³ Bairro que se desenvolveu nas proximidades das instalações da EFMM que era denominado de Barbadian Town. O bairro era formado por afrocaribenhos (os barbadianos como ficaram conhecidos) que vieram para a construção da ferrovia. Existem vários significados para o nome do bairro que ficava sob uma pequena colina. Moradores antigos dizem que os barbadianos eram muito expressivos, boa parte eram protestantes e falavam inglês. Embora o bairro tenha desaparecido na década de 60, os barbadianos foram muito significativos para a consolidação de Porto Velho e seus descendentes representam hoje pessoas de grandes influências na sociedade portovelhense.

Shoc” onde haviam shows, festas e desfiles gays; e o Bar do Claudinho, famoso pelas suas comidas típicas.

Os programas eram realizados no Trevo do Roque e na Avenida Jorge Teixeira. Um homossexual entrevistado lembra que em volta da Boate Copacabana, certa vez aconteceu um assassinato e a polícia acusou uma travesti de São Paulo como a responsável. Com esse fato, houve uma revolta e muitos travestis foram alvos de homofobia por parte dos policiais e eram levadas para a estrada da cachoeira e espancadas brutalmente.

Embora o trabalho das travestis fosse muito intenso no Roque, devido o grande número de garimpeiros, caminhoneiros e de novos moradores que chegavam à cidade a todo instante, os crimes homofóbicos eram constantes e ficavam sem solução.

Em 1981, uma travesti de 30 anos foi morta com 65 facadas por um rapaz que alegou confundi-la com uma mulher. A população realizou um protesto contra a morte da travesti em frente da delegacia e o rapaz foi preso. Outra travesti, 23 anos, foi morta por um caminhoneiro que a contratou para um programa na Avenida Sete de Setembro com a Avenida Jorge Teixeira. A travesti foi arrastada por três quarteirões vindo a falecer.

Rondônia, a nova “estrela no azul da união” começou a brilhar com a marca da homofobia, da discriminação e o preconceito pelos LGBT e mais especificamente por travestis e transexuais. Sabe-se que a alta sociedade de Porto Velho contava com muitos homossexuais que eram costureiros famosos, funcionários públicos, bancários, professores da educação básica e universitários, e demais profissionais que contribuíram na construção desse Estado. Portanto, a forma mais justa de retratação aos gays e travestis que foram mortos vítima da homofobia, é o reconhecimento do prejuízo causado para com esses cidadãos e suas famílias, e o direcionamento de políticas públicas voltadas à orientação sexual e identidade de gênero e a aprovação de um projeto de lei de criminalização da homofobia.

2 CRIMES HOMOFÓBICOS QUE MARCARAM O ESTADO DE RONDÔNIA

Do mesmo modo em que o Estado Brasileiro é marcado por crimes homofóbicos, Rondônia não deixa a desejar no cenário de assassinatos de

homossexuais. Durante a pesquisa, foi realizado um levantamento de 09 casos de homicídios e 02 de suicídios de homossexuais em Rondônia de 1991 a 2006, a maioria dos casos ocorreu na Zona Sul da capital, nos bairros Jardim Eldorado, Caladinho e Cidade Nova. Hoje esses bairros continuam sendo vítimas de práticas homofóbicas tendo como alvo travestis e transexuais.

Em 1991, a imprensa divulgou o assassinato do Professor da UNIR – Universidade Federal de Rondônia, Prof. José Sátiro de Mendonça, 40 anos natural do Estado do Piauí. No sábado do carnaval, o professor fora visto na Banda do Vai quem Quer⁴, com um rapaz moreno, magro e com cabelos lisos. De acordo com a imprensa, o rapaz foi apresentado à família do professor como um pintor de paredes. No domingo havia combinado de participar de uma festa na casa de alguns amigos, mas o professor não compareceu. Os amigos acharam estranho e foram a casa do professor não encontrando ninguém. Durante os demais bailes de carnaval o professor também não foi visto e causou muita desconfiança. A polícia arrombou a porta do seu apartamento, no Conjunto Forte Príncipe da Beira encontrando-o na porta do banheiro com várias perfurações de faca no pescoço e com o corpo já em estado de decomposição. Mais tarde a imprensa divulgou que a polícia descartou a idéia de que o pintor de paredes tinha alguma coisa com o caso e passou a suspeitar de um jardineiro contratado pelo próprio professor. (JORNAL ALTO MADEIRA, 14/02/91, p. 08).

Para Hugo (2004) além da referência a crimes de homicídios a homossexuais, há também casos de suicídios (p. 66). Em 2001, dois rapazes, um de 19 e outro de 15 anos, após a família ter descoberto a relação homoafetiva, foram alvos de chacotas e preconceitos. Foram vistos pela última vez em uma festa de 15 anos, no bairro Jardim Eldorado. Segundo o Jornal Diário da Amazônia, da data de 17/04/01, os donos da casa perceberam que o casal ficava o tempo todo “juntos” e de vez em quando notavam que os dois tinham uma crise de choro. Os dois rapazes pediram para os donos da casa uma rede com cordas para atá-las em um quarto nos fundos onde iam passar o resto da madrugada. Segundo a imprensa, os amigos alegaram que a vida dos dois tinha se tornado um “inferno” quando suas as famílias descobriram o romance e que exigiam que mudassem de comportamento. Os dois

⁴ Tradicional banda que abre no sábado o carnaval de Porto Velho desde 1981, criado por um grupo de amigos carnavalescos e pelo Manelão, que se tornou o general da banda. O hino da banda diz: “Nós não temos preconceito. Na brincadeira entra quem quiser”. Essa música foi gravada no Rio de Janeiro fazendo sucesso até hoje.

foram encontrados enforcados com as cordas da rede. A imprensa⁵ divulgou o caso, conforme figura 1, com muita ironia e deboche, mostrando-se bastante homofóbica. “Acaba na forca o amor maldito dos Romeus sem Julieta”, “proibidos de amar, Romeus morrem”. (DIÁRIO DA AMAZÔNIA, 17/04/01, p. B3).

Figura 1 – Fotografia do Jornal Diário da Amazônia

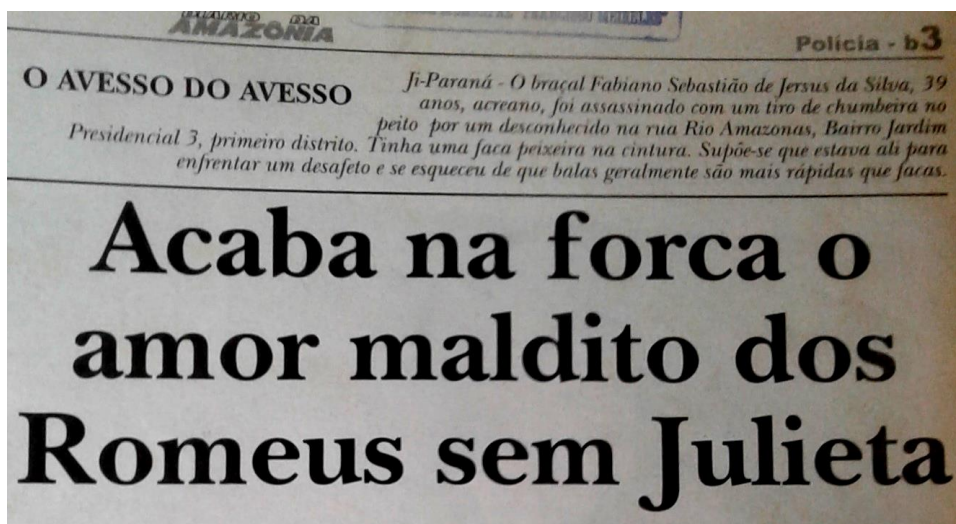


Foto: Acervo digital particular

No Bairro Caladinho, próximo ao Jardim Eldorado, também na Zona Sul, foi notificado o suicídio de um rapaz homossexual em Agosto de 2000. Segundo conhecidos, o rapaz sofria com preconceitos e discriminação por parte da família.

Outro caso que chocou o bairro Jardim Eldorado, em 1994, foi o assassinato de um rapaz de 17 anos de idade, moreno, que, ao se assumir homossexual passou a ser vítima de preconceitos por parte de alguns familiares. O jovem refugiava-se na casa de uma “madrinha” onde recebia carinho e compreensão. Expulso de casa, essa mesma madrinha o acolheu. Certa noite falou para a madrinha que ia participar de uma “festa americana”, festa onde cada convidado tem que levar um ingrediente, bebidas, doces e salgados. A madrinha pediu para que o afilhado não fosse à festa, embora sabendo que seria em vão. No dia seguinte, o jovem foi encontrado próximo

⁵ Vale destacar aqui que a imprensa sempre foi muito homofóbica ao fazer a divulgação de qualquer situação onde há o envolvimento de algum homossexual e mais ainda quando se trata de uma travesti. A atuação da imprensa nesses casos coloca muitas vezes a vítima, que pode ser um gay ou uma travesti, em situação ridícula ou quando não transforma a vítima em agressor. Nesse sentido a ABGLT lançou o “Manual de Comunicação LGBT”, no sentido de esclarecer as dúvidas desses profissionais de comunicação e minimizar o preconceito através do uso inadequado das terminologias que afetam a cidadania e a dignidade LGBT. O material é direcionado a jornalistas, radialistas, publicitários, relações públicas, bibliotecários e outros profissionais da comunicação.

de sua residência, na Rua Sucupira, morto com marcas de enforcamento com a própria camiseta vermelha que usava na festa. Foi visto por amigos saindo da festa acompanhado de quatro rapazes. Quando a polícia chegou ao local, o rapaz tinha marcas de tortura, e indícios de ter sido abusado sexualmente antes da morte e com um “pedaço de pau” enfiado no seu ânus⁶.

Segundo informação da Madrinha entrevistada, os acusados, dois foram mortos, um deles dentro do Presídio Mário Alves, Urso Branco, em Porto Velho; um empreendeu fuga para outro Estado e outro está solto.

Depois do carnaval de 1995, outro crime choca a comunidade LGBT de Porto Velho, o ajudante de cozinha do famoso “barzinho gay” da cidade chamado Bar do Claudinho. O ajudante de cozinha era amazonense de 44 anos, foi encontrado morto em sua residência no Bairro Caladinho, Zona Sul de Porto Velho. As paredes deixaram as marcas da homofobia externalizada através de golpes e ataques de faca que levaram a sua vida.

Em Rondônia, os crimes homofóbicos não se limitam somente aos bairros mais periféricos ou a pessoas desconhecidas. Ocorreu na década de 90 o caso do assassinato de um empresário, filho de família pioneira no Estado, proprietário de uma famosa casa noturna de Porto Velho frequentada pela elite da época (neste caso a imprensa divulgou que o assassino esteve presente no velório da própria vítima); o caso do assassinato de um funcionário do extinto Banco do Estado de Rondônia - BERON, assassinado a facadas (a imprensa divulgou fotos das paredes da sua residência que fora manchada de sangue por todos os lados); e o caso do carnavalesco assassinado em frente à Igreja Catedral de Porto Velho.

Em setembro de 1997, uma travesti foi assassinada em sua residência no centro da cidade. Seu corpo foi encontrado todo perfurado de facas envolvido em um colchão. Já no ano 2000 um homossexual de Porto Velho, foi assassinado por disparo de arma de fogo no Município de Rolim de Moura, cerca de 520 km de Porto Velho. Seu corpo foi trazido para Porto Velho. De família pioneira na capital, o rapaz foi vítima de mais um crime homofóbico que até hoje encontra sem solução. Em

⁶ É muito repetida a prática de assassinatos de homossexuais e travestis serem marcados de muita tortura. Em quase todos os casos é comum encontrar o cadáver com objetos enfiados no ânus, com o pênis cortado e até mesmo com o próprio pênis arrancado e enfiado no ânus. Isso dá subsídios para entender que os crimes homofóbicos estão completamente ligados ao ódio que o assassino tem em relação a prática da homossexualidade. É importante ressaltar que a sociedade brasileira ao construir a heterossexualidade como pratica normativa - “heteronormatividade”, ela mesmo se torna a responsável pela construção da homofobia.

visita a Rolim de Moura, as travestis e gays que freqüentam os “pontos” ainda lembram como o fato aconteceu.

Segundo as travestis entrevistadas, em 1978, na Rua Joaquim Nabuco, funcionava um bar onde aconteceu o registro do assassinato de uma travesti no local. A travesti foi assassinada a facadas. Durante as batidas policiais no Trevo do Roque, muitas travestis eram levadas para a estrada da cachoeira e espancadas por policiais. Houve o registro de duas travestis que foram mortas arrastadas por caminhões cerca de 3 a 4 quarteirões.

Um crime homofóbico que muito marcou a cidade foi o do ativista homossexual Paulo Santiago. Assassinado em frente a sua residência no Bairro Caladinho, Zona Sul da capital, Paulo Santiago, 46 anos, era presidente da ONG – Projeto Vidas, entidade que congrega gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, e que nos anos de 2003 a 2005 realizou as Paradas do Orgulho Gay. Artista plástico com prêmios reconhecidos em todo o país escreveu as obras: A Razão do Limite (1996); Hipnose (1997) Poesias, frases e pensamentos; e Senhor Caju (autor e personagem fictício descoberto por meio das Artes Plásticas) publicada em 1999. Lançou antes de sua morte o livro Ser Gay - Homossexualidade. Esta obra fala de todo o universo da Homossexualidade, lutando pelos valores sociais diante do preconceito e da discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato que a homofobia tem causado um mal a nossa sociedade. Entretanto, o que mais tem contribuído com esses “males” é que nada se tem feito para que essas práticas acabem.

Parece que há uma preocupação muito grande em atribuir a violência a outros fatores e até mesmo em mascarar-la apelidando de bullying, assédio ou outros termos que nem se comparam aos danos causados a gays e travestis, visto que a homofobia é responsável por todo processo histórico em que a comunidade LGBT sofreu e continua sofrendo. Uma marca disso é que as travestis estão distantes do mercado de trabalho, sem acesso aos direitos fundamentais como escola e serviço de saúde, ficando somente destinado a estas a “vida da noite” e para as que ainda tem o que ironicamente a sociedade chama de “sorte” trabalhar em casa de família

como doméstica ou faxineira. Será que o mercado está aberto para contratar os serviços de uma travesti como caixa em um banco privado? Contrata-se travestis como atendente de telemarketing, vendedoras em grandes lojas do comércio, assistentes administrativas, secretárias ou coisa parecida?

Muito pelo contrário. A concorrência tem sido tão injusta em se tratando de gays e travestis que o mercado de trabalho exclui até mesmo os LGBTs que possuem uma boa qualificação profissional e ainda os de nível superior. É notório o número de gays e travestis que conseguiram driblar os tramites anti-democráticos dos processos de qualificação e conseguiram concluir seus estudos mas não conseguiram um espaço ou oportunidades no mercado de trabalho pelo fato da sua homossexualidade.

Nas ultimas décadas a militância LGBT vem trabalhado no sentido da promoção de direitos a cidadania de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Pouco se avançou, e infelizmente os avanços no que se refere à criminalização da homofobia são os que menos caminham.

Em Rondônia, assim como em todo o país, os crimes homofóbicos ainda permanecem. Esses crimes vão de uma dimensão de ferir os direitos de homossexuais e travestis até chegar ao cúmulo dos bárbaros homicídios. Em muitos casos esses homicídios quando divulgados pela imprensa são tratados ironicamente com sensacionalismo e deboche. Embora o que mais nos deixa incomodados é a impunidade e a hipocrisia de um posicionamento fundamentalista cristão que permeiam em nossos espaços legislativos.

Na realidade, em se tratando de dimensões, os crimes homofóbicos não possuem dimensões diferentes. A homofobia mata. O preconceito, a discriminação, o desemprego, o abandono, o esquecimento, a exclusão na escola, nos serviços de saúde, de segurança, matam do mesmo jeito que as armas e instrumentos de homicídios matam.

A inexistência de leis que punem a pratica da homofobia representa hoje o principal responsável por esses homicídios, que em “nome de Deus” um número significativo de gays e travestis são levados diariamente a morte. A “bancada fundamentalista evangélica” no congresso, a mídia, a imprensa e alguns lideres religiosos ferem os direitos de cidadania de gays e travestis reproduzindo a impunidade e mais ainda construindo novas formas de homofobia. Preocupa-se com

o futuro que queremos para nossos filhos e esquecem os filhos e filhas que queremos para o futuro.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

ACABA na forca o amor maldito dos romeus sem julieta. Diário da Amazônia, Porto Velho, 17 abril 2001, Ano VIII, nº. 2340, p. B3.

AMIGOS são encontrados enforcados. Jornal O Estadão, Porto Velho, 17 abr. 2001, Ano XX, nº. 5858, p. 12.

CASO sátiro continua sem nenhuma pista. Jornal O Guaporé, Porto Velho, 14 fev. 1991, Ano 35, nº. 548, p. 12

HUGO, Vitor. In TRANSFERETTI, José. Teologia e sexualidade: um ensaio contra a exclusão moral. Campinas – São Paulo: Átomo, 2004.

PROFESSOR é degolado na propria residencia. Jornal Alto Madeira, Porto Velho, 14 fev. 1991, p. 08.

SILVA, Amizael Gomes. Da chibata ao inferno. Porto Velho: EDUFRO, 2001.